

Negociação conjunta para crise da dívida

O Secretário de Estado dos EUA, George Shultz, exortou os devedores e prestamistas a realizarem uma "negociação conjunta" a fim de trabalharem para restabelecer o crescimento econômico com vistas a uma solução para a crise da dívida internacional.

"Os países em desenvolvimento e industrializados, as instituições internacionais e os bancos comerciais, todos têm importantes papéis a desempenhar — em uma espécie de negociação global, se assim desejarem — na recondução dos países devedores no rumo do crescimento constante", disse Shultz.

Ao dirigir-se à Assembléia Geral da Organização dos Estados Americanos, nesta cidade, Shultz disse que "a chave para a solução do problema da dívida é também a do crescimento constante e vigoroso".

"Implica medidas que tanto os países latino-americanos quanto a comunidade internacional, em geral, devem adotar juntas".

O plano delineado por Shultz incluía os principais pontos de uma proposta feita pelo secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, em discurso proferido na reunião anual do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, realizada em outubro, em Seul, na Coreia.

Ambos ressaltaram que uma ampla estratégia para a recuperação econômica deve incluir: reforma econômica estrutural pelos países devedores a fim de atrair os recursos necessários ao crescimento; maior apoio das instituições financeiras multilaterais e dos bancos comerciais privados, e apoio das nações industrializadas a um sistema comercial mundial mais forte e aberto.

Quanto ao último item, Shultz cumpriu o México por ter anunciado que ingressará no Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), uma iniciativa que, segundo ele, "trará nova força para o sistema comercial mundial".

Disse também que recomendaria ao presidente Reagan o voto a um projeto em tramitação no Congresso, para reduzir acentuadamente as importações norte-americanas de têxteis e vestuário.

Shultz enfatizou que a reforma estrutural das economias das nações devedoras constitui "o cerne de qualquer estratégia mais ampla" para a recuperação econômica.

"Para que haja um restabelecimento econômico dinâmico", disse ele, "é preciso que se empreenda uma reestruturação econômica de grande porte".

As economias latino-americanas e do Caribe precisam distribuir seus recursos mais eficazmente, incentivar a poupança doméstica e proporcionar um ambiente favorável ao investimento estrangeiro, declarou o secretário de Estado.

"Os países que desejarem capital para o desenvolvimento, terão que competir para obtê-lo. Os investidores, antes de contribuirem com recursos, precisarão estar convencidos de que serão mantidas sólidas políticas", acrescentou.

Shultz exortou os países devedores a porem fim a práticas comerciais restritivas e a reduzirem as barreiras ao investimento estrangeiro direto. A hostilidade ao investimento de fora, ressaltou, "só contribuiu para a dependência do financiamento da dívida e afastou os benefícios potenciais das qualificações tecnológicas e mercadológicas de firmas multinacionais".

Incentivou os governos a privatizarem, sempre que exequível, as empresas públicas, ao ressaltar que uma ênfase maior sobre a iniciativa privada poderia ajudar a conter o fluxo de capital procedente dos países latino-americanos e do Caribe.

Desde 1980, a fuga de capital da região já totalizou mais de 100 bilhões de dólares, informou ele.

Os países devedores que empreenderem reformas estruturais deverão receber mais apoio das instituições multilaterais, tais como o Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento, bem como novos empréstimos de bancos privados, declarou Shultz.

Ressaltou que o secretário Baker propôs um novo empréstimo pelos bancos comerciais aos países em desenvolvimento, no total de 20 bilhões de dólares, no decorrer de um período de três anos. "Tal empréstimo, contudo", acrescentou Shultz, "só será concedido se houver um nítido compromisso de adoção e implementação de políticas voltadas para o crescimento".

Shultz também exortou os países membros da OEA a fortalecerem a entidade e recuperar sua saúde financeira. Reiterou o apoio dos Estados Unidos à expansão da democracia no Hemisfério e aos esforços de paz do Grupo de Contadora.